

A DINÂMICA ONTOLÓGICA DE HEIDEGGER COMO CHAVE DE COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA PARA O MOVIMENTO ESSENCIAL DE RECUO DA DEIDADE*

THE HEIDEGGER'S ONTOLOGICAL DYNAMICS AS PHENOMENOLOGICAL UNDERSTANDING KEY TO THE ESSENTIAL RETREAT'S MOVEMENT OF DEITY**

DANIEL TOLEDO***

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, BRASIL

Resumo: Este artigo tem por escopo principal indicar em que medida a diferença ontológica, sustentada pela filosofia de Martin Heidegger, pode, a partir do jogo da verdade do ser, servir de índice para se pensar uma concepção do divino que, através da dinâmica fenomenológica pautada pelo movimento de re-velamento, recusa-se a toda e qualquer objetivação em última instância, preservando assim sua dimensão de abertura de sentido. Para isto, devemos nos ater àquela divindade que, para o referido pensador alemão, torna próprio este acontecimento em sua modalidade mais radical: o último Deus.

Palavras-chave: Heidegger. Fenomenologia. Dinâmica ontológica. Último Deus.

Abstract: This study aims to indicate how the ontological difference supported by the Martin Heidegger's philosophy can serve as understanding key to a conception of the divine that, through the phenomenological dynamics directed by the dis-closure's movement of the being's truth, refuses all objectification in the last instance to preserve your sense opening. For this we will focus on divinity that accomplishes this occurrence in the most radical way: the last god.

Keywords: Heidegger. Phenomenology. Ontological Dynamics. Last God.

* Artigo recebido em 20/06/2016 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 05/08/2017.

** Este trabalho é resultado de uma pesquisa de pós-doutorado desenvolvida junto a PUC-MG sob a supervisão do Prof. Dr. Márcio Paiva e com financiamento da Capes entre os anos de 2015 e 2016.

*** Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9091013835362460>. E-mail: dasilvatoledo@yahoo.com.br.

1. Introdução

Em meio à tradição ocidental em geral, o *modus operandi* epistemológico que se desenvolveu a partir do estabelecimento vigente de uma certa lógica cognitiva tradicional estabeleceu e consolidou uma modalidade de apreensão dos fenômenos em que estes precisam ser de alguma forma objetivamente mensuráveis para serem compreendidos ou dotados de sentido. A consequência, transposta aqui diretamente para a dimensão ontológica, é a seguinte: “assim, é somente aquilo que se mostra, aquilo que aparece, que resultou, de maneira completamente visível, como aquilo que verdadeiramente é”¹. O sujeito que como agente de conhecimento procede a partir desse modo de operação, isto é, o homem lógico-científico, torna-se cativo dos entes em geral, ao mesmo tempo em que se projeta numa relação de domínio para com o mesmo, uma vez que o apreende em sua manifestação evidente tomada como a totalidade do real². Para além deste horizonte ôntico que lhe representa esta presumível totalidade, *nada* mais se encontra. De tal maneira que este nada é esvaziado de todo e qualquer sentido.

Todavia, deve aqui ser divisado que essa é a lógica do ente, e não a do ser enquanto condição de possibilidade para tudo aquilo que é, inclusive, sobretudo, para o fenômeno que se re-vela ao pensar sem, contudo, se constituir em tal ou qual determinação objetivável³.

Se, nesse paradigma, se fala em velamento e desvelamento, naquilo que se mostra e se esconde, em fenômeno no sentido vulgar e fenômeno no sentido fenomenológico, é justamente para salvar uma dimensão do pensar que não permaneça na simples objetivação⁴.

Diferentemente da entidade („Seiendheit“) estritamente marcada pelo caráter de presença („Anwesenheit“) em seu predomínio ôntico⁵, o ser não se mostra como tal justamente porque o ser finito que nós mesmos somos não pode dar conta do fundamento

¹ LOTZ. «Heidegger et l'être», p. 6.

² “A radicalização de um objetivismo absoluto em correspondência com um subjetivismo tão absoluto quanto”. DONADIO. “Oltrepassamento della metafisica e decentramento del soggetto”, p. 267. Cf. tb. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 145-150.

³ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 246. “Heidegger distinguirá as duas dimensões do fenômeno: o fenômeno no sentido vulgar e o fenômeno no sentido fenomenológico. No sentido vulgar, é aquilo que se dá e, no sentido fenomenológico, é aquilo que, no que se dá, se encobre: esse último é o fenômeno no sentido hermenêutico básico”. STEIN. *Pensar é pensar a diferença*, p. 164.

⁴ STEIN. *Pensar é pensar a diferença*, p. 57.

⁵ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 174; cf. tb. pp. 191, 195, 223.

do ente em sua totalidade. Este não mostrar-se fenomenológico do ser face a essa condição essencial de precariedade do mortal denota uma suspensão do sentido último do ser⁶.

O que a filosofia heideggeriana propõe, a partir disso, é o desvelamento deste nada como condição de possibilidade fenomenológica. “Somente onde o ser se retém como o que se vela pode o ente irromper e aparentemente dominar tudo, apresentando os únicos limites diante do nada. E, não obstante, tudo isto está fundado na verdade do ser”⁷. Uma “verdade” que, ao entrar em jogo se dando somente na medida em que se recusa como tal, abre para que o nada do ser seja apropriado por meio de diversas formas⁸. Esta abertura de sentido originária é abissal por remeter à própria impossibilidade em ser determinada objetivamente⁹. Sendo condição de possibilidade fenomenológica em aberto para tudo aquilo que é, o abismo de sentido do ser não se deixa apropriar univocamente, pois toda tentativa de apreensão que não se deixe reconhecer como negativamente parcial incorre inevitavelmente em redução de sua essência.

Mas, ao se deixar revelar como uma abertura de sentido que não se dá como tal à apreensão do ser-finito, o abismo de sentido do ser denotará nossa mais própria e insuperável condição existencial frente à dimensão do fenômeno que nos excede: “O abismo desvela a precariedade dos entes, a possibilidade do não-ente, o completo estranhamento de todos os entes em última instância, bem como nossa própria finitude e condição de ser-lançado”¹⁰. A compreensão que o ser-no-mundo pode ter acerca da totalidade dos fenômenos de mundo no qual ele está lançado é circunscrita de maneira essencial pelo próprio movimento de recuo do sentido do ser que se nega como tal para que os entes se deem a partir de determinadas configurações de sentido que, tão logo indiquem apenas um caráter parcial de suas possibilidades, remetem para o próprio encobrimento do ser em última instância.

⁶ “A finitude do ser-aí, efetivamente, não pode dar razão do ser do ente, mas apenas da possibilidade do nada do ente; neste sentido, a finitude do ser-aí como possibilidade do nada do ente é a transcendência do ente”. DOTTORI. “Del Dio nascosto”, p. 334.

⁷ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 255; cf. tb. pp. 266, 286. “A ontologia existencial de Heidegger, porém, revela o ser-nada como possibilidade”. Giorgio Penzo. “O divino como o não-dito”. In: PENZO/GIBELLINI. *Deus na filosofia do século XX*, p. 301.

⁸ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 410.

⁹ “O aberto enquanto o mais desamparado da descarga da condição de ser lançado”. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 328.

¹⁰ PEROTTI. *Heidegger on the Divine*, p. 58. Cf. tb. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 304.

Dessa forma, a finitude do „Da-sein“ não pauta somente o findar de sua vida, mas antes o seu próprio horizonte de compreensão em sentido último¹¹. Daí se poder dizer que, de maneira correlativa, é este mesmo caráter de abertura do ser que determina a *morte* “como a mais extrema possibilidade” do „Da-sein“¹². Uma possibilidade que somente se efetiva na suspensão de todos os demais projetos de ser. Logo, finitude e abertura do ser remetem conjuntamente para a suspensão do sentido último de todo e qualquer fenômeno. “Assim, também a morte não é apenas a razão para a finitude do ser-aí, mas se revela também como o lugar mais profundo do esconder-se do ser. O homem não pode dispor da morte, que assinala, assim, o limite intransponível de sua finitude”¹³. O que se depreende disso é que o movimento de declínio existencialmente constitutivo do ser-para-a-morte é correlato ontológico da própria dinâmica de velamento do sentido do ser como tal e enquanto condição de possibilidade para tudo aquilo que é somente na medida em que já esteja deixando de ser.

Consequentemente, o abismo de sentido do ser constitui-se como a própria condição de possibilidade para que os fenômenos que irrompem ao „Da-sein“ sejam dotados de determinadas significações. Compreendido como a instância que se furta a qualquer apreensão ôntica, o ser, enquanto não-ente, não denotará mais o princípio causal da realidade, antes devendo remeter ao infundado dessa. Logo, “o Nada não é uma razão para todas as coisas que existem; ele não foi planejado para isso. O Nada é o caminho para Heidegger indicar a impossibilidade de fornecer razões”¹⁴. Este nada, enquanto abertura de sentido, sustenta a recusa de uma determinação objetiva em última instância para os fenômenos de mundo.

A condição de fundo para tudo aquilo que é e que, por ser tal, não pode ser reduzido a ente algum que se manifesta, é o próprio ser como tal. A partir dessa forma de correlação entre o ser e o nada, devemos observar, antes de tudo, que não se sustenta aqui a proposição de um horizonte niilista enquanto anulação de sentido em sua totalidade¹⁵. Ao contrário de

¹¹ Obs.: como a obra referencial para este artigo é a *Beiträge zur Philosophie*, adotaremos aqui a mesma grafia „Da-sein“ lá empregada.

¹² HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 324.

¹³ Giorgio Penzo. “O divino como o não-dito”. In: PENZO/GIBELLINI. *Deus na filosofia do século XX*, p. 303.

¹⁴ PEROTTI. *Heidegger on the Divine*, p. 36.

¹⁵ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 101.

uma realidade que se dissolveria no vazio, o que se alcança já de antemão é uma dimensão originária de ressignificação de sentido ontológico a qual devem ser remetidos os fenômenos em gerais e que, através do trânsito ou dinâmica dessa remissão ôntico-ontológica, deve ser compreendida como condição de possibilidade mais radical para os mesmos. Isso de tal maneira que todas as investigações que partam do mundo fático e que tenham por escopo essencial não se reduzirem e nem se restringirem a esta concretude ôntica, devem ser recolhidas a uma fundamentação ontológica de fundo em sua abertura radical de sentido. Logo, para que esta abertura se dê, é indispensável que o ente seja transcendido¹⁶.

Para Günter Figal, é justamente diante da impossibilidade de apreensão de um determinado objeto em última instância que a experiência religiosa em Heidegger se mostra essencialmente devedora de seu binômio fenomenologia-ontologia. Seria por meio da abertura fenomenológica de sentido que ambos, ontologia e “teologia”, se recolheriam em uma raiz comum¹⁷. “Aquilo que aqui se concilia por si, na medida em que se subtrai a todo planejamento e cálculo, é o copertencimento entre presença e ausência [...]. Esta copertença entre presença e ausência se realiza através da experiência dos deuses que foram”¹⁸. Experiência essa que, todavia, não se perde no passado, conquanto deva responder agora ainda pela possibilidade da mais extrema decisão acerca da essência de um Deus que não pode mais ser precisado em subordinação a qualquer finalidade específica¹⁹.

Ao procurarmos transpor este horizonte de compreensão para o projeto de uma fenomenologia da religião, a premissa da qual devemos partir é a de que “não há qualquer artifício lógico que permita ao pensamento forçar o aparecimento do deus”²⁰. Tratar-se-á de um horizonte de compreensão pautado pela relação de distanciamento entre uma divindade que não pode ser adjudicada ao ser e de uma noção de ser que deve prescindir de qualquer processo de elevação a uma determinada condição última enquanto causa explicativa para nosso horizonte fenomênico. De tal forma que será a partir deste duplo – e ao mesmo tempo

¹⁶ “Como é possível, porém, reportar-se ao horizonte do ser, instituir uma abertura no ente, através da qual o ser se anuncia, se, por sua natureza, a era da metafísica não deixa de se reportar ao ser senão dissolvendo-o naquela estrutura entitativa na qual ele é inevitavelmente encoberto?” DONADIO. “Oltrepassamento della metafisica e decentramento del soggetto”, p. 268. Em resposta: “O aí, porém, é a abertura do ente como tal em sua totalidade”. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 296; cf. tb. p. 306.

¹⁷ Cf. FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 161.

¹⁸ FIGAL. *Für eine Philosophie von Freiheit und Streit*, p. 163.

¹⁹ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 406-407.

²⁰ LOTZ. «Heidegger et l'Être», p. 12. “Dessa forma, Deus não ‘é’ no sentido pleno da palavra”. LOTZ. *Vom Sein zum Heiligen*, p. 12.

em comum – interdito que devemos situar a expressiva afirmação de que os deuses “em geral não ‘são’”²¹.

Em suas considerações sobre a “fenomenologia da experiência religiosa” em Heidegger, Günter Figal observa que aquilo que esta tem de mais específico é justamente seu distanciamento em relação à apreensão objetiva, dado que, neste caso em especial, “não há qualquer acesso direto à coisa”²². Essa impossibilidade caracteriza essa experiência como essencialmente precária, pois ela não pode tornar presente o sentido que a realiza. Sob essa chave de compreensão, “uma fenomenologia do religioso só é possível na retração da experiência expositiva”²³. Ela não pode ser assim imanente ao sujeito justamente porque não pode tornar-se objeto de conhecimento deste mesmo sujeito.

Para este referido estudioso, considerado um dos mais exponenciais representantes atuais da „Heideggers Forschung“, este projeto representaria a “viragem de uma fenomenologia do religioso” que perpassa todo o pensamento heideggeriano após a „Kehre“ e se consuma no tratamento dispensado ao “último Deus” em suas *Contribuições à Filosofia*²⁴.

2. Abertura de sentido do ser como condição de compreensão fenomenológica

Para responder à “questão fundamental: *como o ser se manifesta essencialmente?*”, Heidegger recorre ao caráter de velamento de sua verdade como mistério de uma apropriação marcada pela renúncia²⁵. Conforme já indicado, será esta mesma dinâmica de negação do ser que, reportada à sua abissalidade de sentido, abrirá para o nada como condição de possibilidade de apreensão fenomenológica de tudo aquilo que é, mostrando-se, assim, determinante também para a re colocação da questão acerca da essência do homem²⁶. Logo, a compreensão ontológica depende essencialmente dessa abertura para o velamento²⁷. “Com isso, o homem apresenta-se ao mesmo tempo como ex-sistência e como in-sistência, a saber,

²¹ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 244.

²² FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 127.

²³ FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 129.

²⁴ FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, pp. 129-130. “Trata-se de dotar de significação concreta a figura fundamental de uma fenomenologia da experiência religiosa”. FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 130.

²⁵ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 78; cf. tb. pp. 110-111, 249, 255.

²⁶ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 245.

²⁷ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 295, 297, 301, 312, 316, 324, 325, 330, 335, 338, 339, 340, 341, 342, 344, 407.

como aquele que se expõe à verdade do ser e aquele que incide no centro da *abertura do ser*²⁸. Este movimento mais próprio do ser, o „Ereignis“, na medida em que efetiva uma dinâmica de apropriação de sentido, também é extremamente marcado por uma “recusa” ou “rejeição” propiciada pela própria “retração” do ser em sua diferença ontológica que remete o ente ao “não-ente”²⁹.

O ser é a condição de possibilidade para todos os entes sem ser ente algum. Logo, é o próprio caráter abissal do ser em doação que preserva seu velamento contra a anulação de seu sentido³⁰. “Pelo fato do ser ter caráter negativo, ele carece, para a consistência de sua verdade, consistir no *não* e com isso, ao mesmo tempo, naquilo que é *contra* toda anulação, o não-ente”³¹. Em sua manifestação mais radical, o não-ser é o que torna o ser como tal distinto de toda e qualquer entificação humana³². Reportado ao nada de si mesmo, o ser abre espaço para que os entes sejam em suas determinações que não o alcançam como tal, uma vez que se delineiam à compreensão existencial apenas como possibilidades de sentido deste ser em aberto. “Assim, o Nada abre para a possibilidade de um fundamento para os entes, os quais o ser não é”³³. O ser dessa maneira reportado como “fundamento” („Grund“) a este “não-ser” revela-se como “abismo” („Abgrund“) que abre para a instância da “precariedade” como condição de apreensão fenomenológica do próprio sentido do ser³⁴. Este abismo responde pela própria essência do ser que, em sua dinâmica de re-velamento, recusa a se reduzir ao seu caráter de presença objetiva³⁵. A verdade do ser, tomada como o mais essencial, é esta abertura na qual se recolhe a própria ocorrência do velamento³⁶. Por isso é que “precisamos perguntar pela essência do ser *como tal* na direção deste velamento”³⁷. Ater-se a essa verdade implica incidir numa abertura de sentido que se vela e se retrai³⁸.

²⁸ LOTZ. *Vom Sein zum Heiligen*, p. 116. Cf. tb. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 310, 328.

²⁹ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 8; cf. tb. pp. 15, 22, 76-77, LOTZ. *Vom Sein zum Heiligen*, p. 127 e PENZO/GIBELLINI. *Deus na filosofia do século XX*, p. 301.

³⁰ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 293.

³¹ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 101-102.

³²Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 101. “Aqui, não-ser não quer dizer desaparecer completamente, mas não-ser como um modo de ser”. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 101.

³³ PEROTTI. *Heidegger on the Divine*, p. 19.

³⁴ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 29; cf. tb. pp. 31, 325, TOLEDO. “A precariedade essencial do ser-no-mundo a partir da ontologia de Heidegger”, p. 20 e TOLEDO. “A precariedade histórico-ontológica como fundamento abissal da ‘metafísica do *Dasein*’”, pp.72-85.

³⁵ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 32, 33, 75.

³⁶ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 56.

³⁷ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 87.

³⁸ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 80.

Lançado no tempo a partir de sua condição essencial de finitude, o „Da-sein“ é a própria ocorrência histórica dessa ocultação enquanto evento de apropriação de sentido do ser³⁹. Historicidade que só é possível porque, antes, “com o *Da-sein* é completamente dada de imediato uma transposição para o aberto”⁴⁰.

A compreensão que o „Da-sein“ tem de seu próprio sentido temporal depende de uma sua condição de fundo que lhe escapa enquanto ser-finito. No ponto crucial em que a ontologia se conecta à fenomenologia, a precariedade essencialmente constitutiva de nosso ser-no-mundo define um modo de compreensão em que a “significatividade” maior do fenômeno é apreendida da experiência daquilo que se recusa à experiência do „Da-sein“⁴¹. A experiência dessa precariedade é tão importante para Heidegger que a ausência da mesma denota a perda da possibilidade de sabermos questionar nosso próprio ser, pois é somente ela que pode abalar o próprio fundamento do „Da-sein“⁴².

3. Dinâmica ontológica e evasão da deidade

A fim de evitar riscos de reincidência na famigerada imiscuição onto-teo-lógica que tradicionalmente deu corpo a toda à história da metafísica ocidental, procurando, assim, sempre manter a necessidade de distinção entre o ser e “a mais suprema e pura determinação do $\Psi\epsilon\iota\omicron\nu$, do Deus e do ‘Absoluto’”, Heidegger reforça que “o ser nunca é uma determinação do próprio Deus”; não obstante, sendo levado a reconhecer, em contrapartida, que “o ser é aquilo que carece da deização [Götterung] dos deuses”⁴³. De maneira ambivalente, essa carência nos indica que o Deus divino também não pode ser determinado pelo ser, pois, se assim fosse, reduziríamos novamente sua essência ao caráter ôntico da realidade substancializada. É a partir desse tipo paradoxal de relação de negação e de distanciamento que devemos situar então a importância da seguinte afirmação:

³⁹ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 71.

⁴⁰ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 68.

⁴¹ “Aquilo que falta, se renuncia ou se recusa, mostra-se como mais intenso do que o dado fáctico. [...] Este pensamento é decisivo; um momento essencial do fenomenal para Heidegger é o caráter de retração. No ‘dar-se ao modo da ausência’ algo é de modo mais elevado”. FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 47.

⁴² Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 125, 341.

⁴³ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 240. Em reciprocidade, “o ser só alcança sua grandeza quando é reconhecido como aquilo do que o deus dos deuses e toda a deização *carecem*”. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 243.

O deus não é “ôntico” e nem “não-ôntico”, como tampouco equiparável ao *ser*, mas o *ser* se manifesta essencialmente no espaço-tempo como aquele “entre” que nunca pode ser fundado no deus, ou mesmo sequer no homem enquanto subsistente e vivente, mas somente no *Da-sein*⁴⁴.

O ser é o espaço de sentido através do qual irrompe em meio à existência um horizonte fenomenológico que excede o universo ôntico que nos circunda. Consequentemente, toda e qualquer possibilidade de uma abordagem ontofenomenológica da questão do divino só pode se dar a partir de uma base existencial, o que não deve implicar, de forma alguma, numa “vivência personalizada”, “mas somente no espaço abissal do próprio ser”⁴⁵.

Como o „Da-sein“ é essencialmente marcado por sua condição de finitude, a compreensão fundamental do seu próprio ser é originariamente determinada por uma radical relação de negação. Correlativamente, o horizonte de sentido reportado ao divino enquanto instância de significatividade que não se deixa objetivar também pauta os limites da compreensão que o „Da-sein“ pode obter do abismo do ser como condição de possibilidade fenomenológica. É por meio dessa conjunção delimitativa que deve ser compreendida a afirmação de Heidegger de que a “*inserção* na essência originária do ser” depende do “reconhecimento da pertença do homem ao ser por meio do deus”⁴⁶. Essa pertença dá-se tão somente a partir de um movimento essencial de expropriação. Dinâmica essa que deve nos servir como chave de compreensão para o modo como Heidegger, em plena maturidade de seu pensar, permitiu que se estabelecesse, de forma complexa e intrincada, a seguinte relação:

Como o ser se relaciona com Deus, deixa-se esclarecer apenas então quando determinamos mais precisamente a referência do homem ao ser. O homem é nomeadamente o ente privilegiado no qual e enquanto qual o caráter de abertura do ser ocorre. Daí ele ser nomeado por Heidegger como “ex-sistência”⁴⁷.

Este caráter transcendente de “ex-posição” a uma abertura de sentido que lhe excede delimita o modo de relação do ser finito com um sentido de divindade que se recusa

⁴⁴ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 263; cf. tb. p. 267.

⁴⁵ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 416.

⁴⁶ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 413.

⁴⁷ LOTZ. *Vom Sein zum Heiligen*, p. 13. Cf. tb. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 302-303.

a uma apreensão objetiva em última instância. Dessa forma, é a partir de sua própria dinâmica de re-velamento que o ser emprega o „Da-sein“ como aquele que deve zelar pelo instante de um movimento histórico designado por Heidegger como chegada e fuga dos deuses⁴⁸.

É tão somente através dessa forma de articulação com o sentido do ser que os deuses evasivos podem agora colocar-se em uma nova disposição de compreensão frente à finitude do „Da-sein“⁴⁹. Contudo, para que esta espécie de articulação não reincida na referida imiscuição ontoteológica da tradição metafísica, entendemos que ela só pode ser mediada através justamente da dinâmica da verdade do ser, ou seja, a partir do jogo entre velamento e revelamento. Isto fundamentalmente porque o Deus como tal escapa à objetivação justamente quando concebido através de seu “caráter de inapreensivo” („Unfassbarkeit“): “Na medida em que ele se dá a compreender no espaço de tempo do *Dasein*, ele próprio precisa se retirar”⁵⁰. Nesta “sua mais ampla retração”, os deuses são remetidos à própria abertura de sentido, que os salvaguarda de serem entificados através da própria diferença ontológica e da verdade do ser tomadas como chaves de compreensão de sua essência em sua dinâmica mais própria: “À ‘disposição dos deuses’ – isto significa: estar muito além e fora – fora do caráter corrente do ‘ente’ e de suas significações”⁵¹.

Já vimos que remeter-se para além do ente implica reportar-se ao nada enquanto suspensão de toda e qualquer definição em última instância. A partir disso, a dinâmica da verdade do ser abre para o abismo de sentido, ao qual deve ser reportada também a experiência do divino⁵².

⁴⁸ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 264.

⁴⁹ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 18.

⁵⁰ FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 158.

⁵¹ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 18; cf. tb. p. 27. Obs.: quanto à inconsistência conceitual do emprego dos termos distintos para se referir aqui às figurações da „Götterung“, deve-se observar o seguinte: “Por causa dessa indecisão, então, justifica-se Heidegger, permite-se referir ao divino também no plural, fazendo o discurso vacilar ambigualmente entre ‘os deuses’ e o ‘Deus’ em sua ulterioridade. Assim, não se trataria de determinar a quantidade de deuses, não seria o caso interrogar se há um único ou uma pluralidade de deuses. Antes de tudo, o essencial é evitar toda a contabilidade dos deuses, sob o título ‘mono-teísmo’, ‘pan-teísmo’, ‘a-teísmo’ e todas as outras concepções metafísicas em torno do divino ou de Deus. Ao contrário, estaria em questão experimentar pelo pensamento a mais extrema constrição que o nome ‘Deus’ nomeia. [...] Se muitos ou um único Deus, isso não importa, à medida que está em questão apenas uma contabilidade, mas sim se a existência histórica dos homens, na especificidade de cada época, está pronta para acolher o divino em seu caráter último, imprevisível e não decidido”. RAMOS. “A existência, a fuga e o advento dos deuses nos *Beiträge zur Philosophie* de Heidegger”, p. 78.

⁵² Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 279-280.

O ser não se manifesta como o Deus, assim como tampouco ambos se manifestam como os entes. É esta diferença fundamental que estabelece um abismo de sentido como campo relacional entre ser, deuses e homens⁵³. “Assim, com a fuga dos deuses, deve dar-se livre curso no *Dasein* humano a uma experiência fundamental”⁵⁴. Esta experiência, por se recusar a qualquer apelo ou resposta, abre para uma “alteridade” do „Da-sein“ que transcende toda imanência⁵⁵.

4. Fenomenologia do último Deus

Aprofundando aquela sua colocação que já havíamos indicado introdutoriamente, Günter Figal observa ainda que, quanto àquilo que pode haver de mais específico acerca da experiência religiosa em Heidegger,

ela se deixa compartilhar como uma experiência de recuo e de reserva, de tal forma que para ela não há nada de positivo em relação ao que se pudesse apreender. O que se dá é a presença da ausência do divino. [...] É justamente essa experiência fenomenológica do religioso que Heidegger tenta, nas *Contribuições para a Filosofia*, conceber sob o nome de “último Deus”. O último Deus tem sua, por assim dizer, “essencialização” – seu agir indemonstrável – na ausência de chegada, bem como na fuga, dos deuses passados⁵⁶.

A obra *Beiträge zur Philosophie*, hoje já considerada como a segunda obra mais importante de Heidegger, é sem dúvida o momento mais radical do pensamento deste filósofo em que “o desdobramento da questão do ser conduz, portanto, na conclusão dessa obra, ao problema de Deus, ao surpreendente discurso da ‘passagem do último Deus’”⁵⁷. O que se consuma por meio dela é a tentativa de “uma nova experiência da essência do divino”⁵⁸. O referido estudioso entende que o que é empreendido nessa obra capital é a

⁵³ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 26.

⁵⁴ FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 152.

⁵⁵ FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 153.

⁵⁶ FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 132. Cf. tb. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 405. Todavia, esta “essencialização” („Wesung“) se dá ao modo de um “aceno”. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 408; cf. tb. pp. 409, 410, 411.

⁵⁷ PÖGGELER. “Mancano nomi sacri”, p. 254. Cf. tb. FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 146. “Ser, que reluz como o rastro do caminho do último Deus”. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 230.

⁵⁸ PÖGGELER. “Mancano nomi sacri”, p. 254. “Na própria compreensão de Heidegger, a marcha de pensamento das *Contribuições* deve ser uma preparação do acontecimento apropriativo enquanto conflito entre Deus e o homem”. FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 159.

tentativa de sustentação da “perda dos deuses” justamente como abertura para essa “experiência do divino” enquanto “o próprio espaço possível para a experiência do último Deus”⁵⁹. E realmente, nessas suas *Contribuições à filosofia*, Heidegger postula, logo de saída, uma espécie de “deização do deus dos deuses” („Götterung des Gottes der Götter“), através da qual o „Da-sein“ deve ser remetido à verdade do ser que, como é sabido, dá livre curso à dinâmica entre velamento e revelamento⁶⁰.

O estatuto central dessa nova experiência é indicado também por Otto Pöggeler em referência à outra importante obra publicada tardiamente e que pertence ao mesmo círculo temático das “Contribuições”: “Na obra *Das Ereignis*, de 1941, Heidegger afirma que o seu pensamento, enquanto compreensão da história do ser, teve de realizar a experiência da falta de Deus”⁶¹. Em uma terceira obra do mesmo círculo temático em torno do conceito de „Ereignis“, intitulada *Besinnung*, o sentido do divino é referendado ao caráter de abertura do „Da-sein”⁶².

„Ereignis“ é o entremeio que torna o Deus e o homem propriamente reconhecíveis através da precariedade do pensamento do ser⁶³. Essa noção central constitui o próprio movimento de expropriação do fundamento primeiro que permite as possibilidades de apropriações de sentido do ser. É um acontecimento que, pautado pela dinâmica de recuo da verdade do ser, mantém em aberto as possibilidades de apropriações através das quais o ser carece tanto do homem quanto o deus carece do ser⁶⁴. Dessa forma, este acontecimento apropriativo, através deste seu caráter abissal, abre o espaço de tempo no qual insurge o último Deus que configura o divino como uma instância que, em sua singularidade, se desloca da dimensão ôntica⁶⁵. Esta precariedade essencialmente determinante para a compreensão

⁵⁹ FIGAL. *Für eine Philosophie von Freiheit und Streit*, pp. 152-153.

⁶⁰ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 4. Obs.: tomamos emprestado de Marco Casanova o neologismo “deização”, que segue a tradução em espanhol “diosar”. Cf. HEIDEGGER. *Contribuições à filosofia*, p. 8 e HEIDEGGER. *Aportes a la filosofía*, p. 22. Para uma relação direta entre a verdade do ser e a dinâmica dos deuses, ver HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 235.

⁶¹ PÖGgeler. “Mancano nomi sacri”, p. 251. “A fuga dos deuses deve ser experimentada e suportada”. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 27.

⁶² Cf. FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 160.

⁶³ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 86-87, 263, 280.

⁶⁴ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 415.

⁶⁵ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 263.

existencial do divino remete-nos ao próprio abismo do ser enquanto seu fundamento que dispõe e expõe homens e deuses⁶⁶.

Em relação às figurações divinas que historicamente o precederam, o último Deus se apresenta como essencialmente distinto⁶⁷. Em que medida? Para começar, esta divindade extrema perfaz-se essencialmente como um Deus de passagem. Isto significa, fundamentalmente, que ele só pode se dar à compreensão tão logo se recuse como o que é. Através dessa sua dinâmica essencial, ele só se manifesta na medida em que se nega como algo dado. Ele se priva de qualquer objetivo ao se resguardar através de seu próprio movimento de recuo.

Nesse velamento extremo, que se retrai a toda apologética, a qualquer fundamentação, normalmente, baseadas na categoria de *causa sui* (do ser-causa, da causa como tal), às tentativas ou à vontade de comprovação, como também às vivências e efusões sentimentais, então, residiria a alteridade desse Deus em relação aos revelados ou aos convertidos em objeto da razão. Em síntese, ele é a divindade totalmente outra, porque, no seu viger, se subtrai a toda tentativa de explicar o inexplicável pelo explicável, manipulando a divindade por meio de manobras de esclarecimento, ou, por outro lado, quando se continua lançando mão do “derradeiro’ e inexplicável, a fim de salvar todas as explicações e a completa funcionalidade da explicação”⁶⁸.

A relação essencial do último Deus com as demais figurações históricas se dá pelo distanciamento justamente em virtude de que também estes deuses encontram-se recuados no presente. Todavia, o último Deus não é uma figuração da deidade que também precisaria passar por todo o processo histórico de deposição de sentido do divino, posto que ele, em sua dinâmica essencial e originária de recusa de toda e qualquer substancialização e objetivação de si, representa, ao mesmo tempo, a consumação mais radical dessa longa historicidade.

Contudo, Heidegger quer que esta “passagem” seja compreendida diferentemente do aparecimento e desaparecimento dos outros deuses. O último Deus não se manifesta em forma individual alguma, ele não se

⁶⁶ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 256, 311.

⁶⁷ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 404, 406. Obs.: para uma relativização dessa colocação, ver TOLEDO. “A tensão entre o ‘último Deus’ e o ‘Deus da metafísica’ em Heidegger”, pp. 20-30.

⁶⁸ RAMOS. “A existência, a fuga e o advento dos deuses nos *Beiträge zur Philosophie* de Heidegger”, p. 70. “Mistério (in)sondável (é sondável somente à medida que revela a insondabilidade, isto é, por fundar como fundamento abissal)”. RAMOS. “A existência, a fuga e o advento dos deuses nos *Beiträge zur Philosophie* de Heidegger”, p. 66. Obs.: o trecho entre aspas remete a HEIDEGGER. *Besinnung*, p. 239.

torna o centro de um culto ou fé, para então, após recuar por breves ou longos períodos, entrar no círculo dos deuses passados⁶⁹.

Todavia, é inegável que o discurso da passagem, à luz do acontecimento apropriativo da verdade do ser, isto é, entre velamento e revelamento, traz ao aberto o caráter de pertença humana à carência divina⁷⁰.

O último Deus, em sua dinâmica essencial de recuo, abre espaço para uma relação essencial da divindade com a dimensão da finitude⁷¹. Sendo a própria localidade através da qual a verdade do ser, compreendida por meio da dinâmica entre velamento e revelamento, se propicia, o „Da-sein“, em confrontação com seus próprios limites, torna manifesta uma retração que coloca em suspenso qualquer possibilidade de se determinar um estatuto de chegada ou fuga do último Deus⁷². Essa relação estabelece que a proximidade possível acerca deste Deus se dê justamente através de uma postura de contenção ou de retenção que somente pode ser expressa através do silenciamento⁷³. Este, por sua vez, deve ser entendido como a impossibilidade última de qualquer determinação objetivadora a ser atribuída à divindade. Daí o advento ou mesmo a retirada do divino não poder mais depender de qualquer resolução prévia, de forma que a própria oscilação entre sua presença e ausência mantenha-se em aberto ou em suspensão⁷⁴.

Este distanciamento essencial, que não pode ser objetivamente medido, estende seu caráter radical de indeterminação à própria dinâmica do Deus, de tal forma que, neste seu movimento fundamental de possibilitar seu sentido último somente através da recusa de si, ele nos retira o poder de estabelecer se de nós ele se afasta ou se aproxima⁷⁵. E é justamente este deslocamento que abre campo para a necessidade de uma radical resolução em confrontação com um evento de apropriação que oscila conforme a verdade do ser, ou seja, entre velamento e revelamento⁷⁶. Em meio a esta dinamicidade essencial, é a própria *recusa*

⁶⁹ FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 158. Cf. tb. FIGAL. *Für eine Philosophie von Freiheit und Streit*, p. 162.

⁷⁰ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 414.

⁷¹ O último Deus acenaria para a experiência mais extrema da morte. Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 405.

⁷² Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 20.

⁷³ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 34.

⁷⁴ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 12.

⁷⁵ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 23.

⁷⁶ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 23.

(„Verweigerung“⁷⁶) de qualquer sentido determinado objetivamente em primeira e última instâncias que torna própria a dimensão de decisão acerca do acometimento da fuga dos deuses⁷⁷.

Na medida em que o ser manifesta seu sentido somente a partir da diferença ontológica, isto é, através de sua dinâmica essencial entre velamento e revelamento, ele torna próprio um acontecimento no qual “vela-se o último Deus”⁷⁸.

É em virtude deste recuo que aquela possibilidade de resolução só pode colocar-se em uma relação de pertença com tal dinâmica justamente se configurada ao modo da “renúncia” („Versagung“⁷⁹); isto fundamentalmente porque a renúncia é a apropriação mais radical da própria condição de “precariedade” („Not“⁸⁰), seja em seu aspecto fenomenológico, seja em seu aspecto existencial⁷⁹. Em resposta, a precariedade compele ao conflito acerca do fundamento que se recusa tanto na desmedida da familiaridade com o ôntico quanto na distância acerca do próprio ser⁸⁰. Por isso é que a mais extrema precariedade é aquela da falta de si própria⁸¹. Reportada a este fundamento que renuncia a si próprio, esta precariedade é também aquela mesma que compele o Deus à sua fuga diante do ser-finito⁸². Esta fuga dos deuses é o acontecimento ao qual o „Da-sein“ deve suportar e do qual ele deve se avizinhar insistentemente como seu espaço de tempo mais próprio⁸³. E na medida em que ao mesmo tempo esta precariedade desloca o homem para o evento da verdade do ser, ela lhe possibilita o “salto para a experiência decisiva” acerca também da resolução se, “no evento apropriador, a ausência ou o acometimento do Deus se decide para ele ou contra ele”⁸⁴.

Em seu recuo acerca do ente, o ser possibilita um campo relacional entre o último Deus e o „Da-sein“⁸⁵. O aí do „Da-sein“, que é essencialmente marcado por sua condição de finitude, perfaz-se como o espaço de manifestação da verdade do ser. Tão logo esta dinâmica do re-velamento abra espaço para a suspensão de sentido do último Deus, ela também desloca o „Da-sein“ para a necessidade de resolução acerca do jogo entre

⁷⁷ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 405.

⁷⁸ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 24.

⁷⁹ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 24.

⁸⁰ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 46.

⁸¹ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 107.

⁸² Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 26, 113, 252, 309.

⁸³ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 52 e RAMOS. “A existência, a fuga e o advento dos deuses nos *Beiträge zur Philosophie* de Heidegger”, p. 64.

⁸⁴ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 26; cf. tb. p. 28.

⁸⁵ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 26.

proximidade e distância dos deuses⁸⁶. Dessa forma, o próprio „Da-sein“ cria margem para o acontecimento de apropriação da confrontação com o Deus⁸⁷.

5. Considerações finais

A concepção do divino apresentada por Heidegger através da figura do último Deus torna clara a impossibilidade de que o mortal, em sua oscilação existencial entre sua falta de um fundamento primeiro e a recusa de uma destinação última, venha a contar com os deuses ou mesmo com um só Deus: “Então a maior proximidade do último Deus acontece propriamente quando o acontecimento de apropriação, enquanto hesitante recusa de si, ascende à *renúncia*”⁸⁸. Condição que não deve nos conduzir a um relativismo religioso, mas antes, pelo contrário, nos reportar à própria dinâmica de velamento do sentido do ser enquanto condição de possibilidade para a experiência do fenômeno religioso⁸⁹.

É a „Ereignis“ que se mostra como o acontecimento que se apropria do „Da-sein“ para a passagem do último Deus⁹⁰. Daí Heidegger também ter sido categórico na afirmação de que a confrontação com o processo histórico de esvaziamento de sentido do ser que se consoma no mundo de hoje depende fundamentalmente da adequação ao apelo mais elevado da essência do ser “enquanto acontecimento de apropriação da dimensão de decisão acerca da deidade dos deuses”⁹¹. Essa adequação, porém, por tratar-se de uma renúncia que dá espaço à reserva do deus, constitui-se, no fundo, como uma “de-cisão”, não enquanto absoluta separação, mas antes como distanciamento que delimita o campo de compreensão ou de experiência fenomenológica do ser-finito frente ao horizonte de sentido que lhe excede. Entendemos ser nestes termos que deve ser situada a indicação de Heidegger de que a possibilidade de transformação do fundamento da existência depende essencialmente de “outras necessidades de decisão acerca da proximidade e distância dos deuses”⁹².

⁸⁶ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 26-27, 31.

⁸⁷ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 28-29, 311-312.

⁸⁸ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 411. “A mais extrema distância do último Deus, na renúncia, é uma proximidade única, uma relação”. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 412.

⁸⁹ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 293-294.

⁹⁰ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 407.

⁹¹ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 228; cf. tb. p. 405.

⁹² HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 230; cf. tb. p. 237. “Não o anúncio de novas doutrinas de um mecanismo humano engastado, mas *deslocação* do homem da falta de precariedade para a precariedade da falta de precariedade como o mais extremo”. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 235; cf. tb. pp. 340-341.

A dinâmica essencial de re-velamento da verdade do ser responde pelo próprio aí do „Da-sein“. Aproximada desse evento apropriador, a fuga dos deuses possibilita a experiência da ausência dos mesmos. O último Deus mostra-se como o domínio derradeiro deste acontecer⁹³. Após o processo histórico consumado pela fuga e regresso dos deuses, ele, o último Deus, carece da dinâmica do ser para acontecer propriamente enquanto o mais extremo⁹⁴. Através de toda essa conjuntura, pode-se de fato afirmar que o último Deus é aquela figura do divino que eleva e confere singularidade à essência dos deuses⁹⁵.

A relação entre o ser e o último Deus, em hipótese alguma, se dá por uma identidade entre ambos, mas antes por uma reciprocidade em que, ao abrigar em si o movimento de recuo essencial dessa modalidade extrema do divino, o ser permite que este atravesse a sua compreensão⁹⁶. Isso de tal maneira que o evento apropriativo do ser se manifesta essencialmente como o momento de decisão acerca da dinâmica do último Deus⁹⁷.

A força do caráter abissal do ser abre para o „Da-sein“ um espaço de tempo que torna próprio o acometimento da fuga dos deuses⁹⁸. Essa “luta” entre chegada e fuga dos deuses tem sua “dimensão de decisão” proveniente da abissalidade do ser enquanto sua essência fundamental⁹⁹.

A dinâmica velada dos deuses, entre chegada e fuga, tem seu acontecimento apropriado através da própria recusa da dimensão ôntica como instância decisória acerca daquilo que é mais digno de questão¹⁰⁰. A tensão se mantém em aberto na medida em que os deuses evadidos só se dão à experiência através de seu próprio movimento essencial de recuo¹⁰¹. A apropriação dessa recusa em última instância remete o mortal à abertura mais radical de suas possibilidades. “Por ser a fuga dos deuses uma experiência de retração, ela manifesta o caráter de possibilidade do *Dasein* [...]. Isto conduz ao fundamento do *Dasein*: à sua abertura anterior a toda postura determinada em relação à mesma”¹⁰².

⁹³ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 70 e FIGAL. *Für eine Philosophie von Freiheit und Streit*, p. 163.

⁹⁴ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 408.

⁹⁵ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 406.

⁹⁶ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 262.

⁹⁷ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 230.

⁹⁸ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 235.

⁹⁹ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 244.

¹⁰⁰ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 158.

¹⁰¹ Cf. FIGAL. *Für eine Philosophie von Freiheit und Streit*, p. 162. “Fuga e chegada ocorrem na medida em que eles não se tornam um fato consumado”. FIGAL. *Für eine Philosophie von Freiheit und Streit*, p. 163.

¹⁰² FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 154.

A própria precariedade essencialmente constitutiva do mortal exige uma “de-cisão” quanto à postura de recusa de sentido último¹⁰³. Por isso ela é compreendida por Heidegger como condição prévia para a margem de decisão possível acerca do jogo entre proximidade e distância dos deuses¹⁰⁴. Todavia, não se deve perder de vista que esta possibilidade decisória se recolhe no próprio movimento de retração do ser¹⁰⁵. Correlativamente, também “somente quando os deuses já se distanciaram é que se pode querer renunciá-los”¹⁰⁶.

É dessa forma que, entre deuses e homens, o ser abre um espaço originário de jogo no tempo que responde pela própria fundamentação abissal do „Da-sein“¹⁰⁷. Este acontecimento é a própria história da dinâmica de re-velamento do ser que se consuma “na figura do último Deus”¹⁰⁸.

Esta “de-cisão”, contudo, não pode estabelecer a chegada e nem a fuga dos deuses, mas apenas oscilar entre as possibilidades das mesmas a partir do próprio caráter de abertura fenomenológica no qual o „Da-sein“ encontra-se encerrado. Logo, não se trata de uma ocorrência a ser apreendida, mas justamente da ausência da mesma. A própria experiência da fuga histórica dos deuses se nos retrai em seu caráter essencial de ausência. “O que dessa forma se dá a compreender é um ‘tempo aberto’”¹⁰⁹.

A de-cisão coloca em jogo um acontecimento apropriativo através da abertura para o velamento do ser que remete para o mais próprio caráter de indeterminação do último Deus¹¹⁰. Ao assumir essa de-cisão, o homem torna-se no „Da-sein“ compreendido “enquanto o guardião do silêncio da passagem do último Deus”¹¹¹. E é justamente o caráter de silêncio que interdita a essa posição qualquer função de espera que tenha por pretensão determinar previamente a manifestação objetiva de um deus¹¹².

¹⁰³ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 80; cf. tb. pp. 87, 88, 90, 97.

¹⁰⁴ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 91.

¹⁰⁵ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 91.

¹⁰⁶ FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 153.

¹⁰⁷ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 87.

¹⁰⁸ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 96.

¹⁰⁹ FIGAL. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*, p. 157.

¹¹⁰ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 88, 92, 95, 102.

¹¹¹ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 331; cf. tb. pp. 406, 412-413.

¹¹² Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 417.

A renúncia não é uma decisão arbitrária, pois consiste em uma luta que também implica padecimento e exige prontidão para o estranhamento da fuga dos deuses, para abrir espaço e abrigar o acometimento dessa fuga¹¹³.

Neste novo contexto interpretativo, a passagem dos deuses se re-vela como um evento inobjetivo. Por isso a dinâmica essencial dos mesmos oscila entre advento e fuga. Eles nos acometem na medida em que se nos retiram. Esta passagem abre justamente o espaço de tempo histórico para nosso presente. “Assim, a fuga dos deuses não é meramente o acontecimento que ficou para trás”¹¹⁴. Todavia, é pela mesma razão que o homem entregue ao ôntico encontra-se impedido de realizar a experiência de confrontação com a fuga dos deuses¹¹⁵.

A divindade carece do ser, em seu movimento essencial de recuo, como forma de se perfazer radicalmente distinto de toda e qualquer objetivação ôntica. Todavia, justamente por só poder se dar por meio da recusa de si, a divindade, neste seu mistério de ser, nos remete à experiência da falta de sentido último.

Para que a experiência histórica da falta dos deuses pudesse se consumir, o movimento essencial de renúncia do ser teve de vigorar na própria existência.

Por força mesma da exigência de pensar até o fim a estrutura essencial desse acontecimento histórico, sobretudo, em relação a esse movimento de intensificação da recusa, que entra em cena a figura de um Deus que remete a recusa do ser para um nível mais extremo¹¹⁶.

A relação entre o mortal e o divino a ser depreendida dessa precariedade essencialmente constitutiva de ambos repousa agora na impossibilidade de assegurar-se em absoluto de um horizonte de sentido último, obrigando-nos, assim, a assumir este distanciamento essencial como irrevogável. Este é o modo, finito, de suportar a fuga histórica dos deuses, que não cessa de nos acometer¹¹⁷.

¹¹³ Cf. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, pp. 62-63.

¹¹⁴ RAMOS. “A existência, a fuga e o advento dos deuses nos *Beiträge zur Philosophie* de Heidegger”, p. 75. “Significa, então, que não está impedido pensar o divino como finitização do ser e no horizonte das contingências e vicissitudes históricas do ser. Pelo contrário, isso seria uma exigência, sobretudo, para o tempo atual”. RAMOS. “A existência, a fuga e o advento dos deuses nos *Beiträge zur Philosophie* de Heidegger”, p. 78.

¹¹⁵ HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 61.

¹¹⁶ RAMOS. “A existência, a fuga e o advento dos deuses nos *Beiträge zur Philosophie* de Heidegger”, p. 72.

¹¹⁷ “Na maturação, do poderio para o fruto e da grandeza da destinação, radica-se a *mais velada* essência do não, enquanto ainda-não e não-mais”. HEIDEGGER. *Beiträge zur Philosophie*, p. 410.

Referências bibliográficas

- DONADIO, Francesco. “Oltrepassamento della metafisica e decentramento del soggetto”. *Rassegna di Teologia*. Anno XIX, Luglio-Agosto, n. 4, pp. 263-273.
- DOTTORI, Riccardo. “Del Dio nascosto”. *Rassegna di Teologia*. Anno XIX, Luglio-Agosto, n. 4, pp. 320-335.
- FIGAL, Günter. *Für eine Philosophie von Freiheit und Streit*. Politik – Ästhetik – Metaphysik. Stuttgart: Metzler, 1994.
- _____. *Zu Heidegger Antworten und Fragen*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2009.
- HEIDEGGER, Martin. *Aportes a la filosofía*. Acerca del evento. Trad. Dina V. Picotti. Buenos Aires: Biblos, 2003.
- _____. *Beiträge zur Philosophie*. Vom Ereignis. 3.Aufl. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2003 [1989] (Gesamtausgabe: Bd. 65).
- _____. *Besinnung*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1997 (Gesamtausgabe: Bd. 66.)
- _____. *Contribuições à filosofia*. Do acontecimento apropriador. Trad. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.
- LOTZ, Johannes Baptist. «Heidegger et l'être». *Archives de Philosophie*. Tome 22, n°19, Paris, 1956, pp. 3-23.
- _____. *Vom Sein zum Heiligen*. Metaphysisches Denken nach Heidegger. Frankfurt am Main: Knecht, 1990.
- PENZO, Giorgio / GIBELLINI, Rosino (Orgs.). *Deus na filosofia do século XX*. 4ª ed. Trad. Roberto L. Ferreira. São Paulo: Loyola, 2012. [1993].
- PEROTTI, James L. *Heidegger on the Divine*. The Thinker, The Poet and God. Ohio : Ohio University Press, 1974.
- PÖGGELER, Otto. “Mancano nomi sacri”. *Rassegna di Teologia*. Anno XIX, Luglio-Agosto, n. 4, pp. 243-257.
- RAMOS, Daniel Rodrigues. “A existência, a fuga e o advento dos deuses nos *Beiträge zur Philosophie* de Heidegger”. *Revista Brasileira de Filosofia da Religião*. Brasília, v. 2, n. 2, pp. 62-79, dez. 2015.
- STEIN, Ernildo. *Pensar é pensar a diferença*. Filosofia e conhecimento empírico. 2ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

TOLEDO, Daniel. “A precariedade essencial do ser-no-mundo a partir da ontologia de Heidegger”. *Synesis*, vol.7, nº2, pp. 18-31, 2015.

_____. “A precariedade histórico-ontológica como fundamento abissal da ‘metafísica do *Dasein*’”. *Kínesis*, vol.7, nº13, pp.72-85, 2015.

_____. “A tensão entre o ‘último Deus’ e o ‘Deus da metafísica’ em Heidegger”. *Numen. Revista de estudos e pesquisa da religião. Juiz de Fora: PPCIR/UFJF*, 2014, v. 17, n. 2, pp. 13-32.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



TOLEDO, Daniel da Silva. A DINÂMICA ONTOLÓGICA DE HEIDEGGER COMO CHAVE DE COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA PARA O MOVIMENTO ESSENCIAL DE RECUO DA DEIDADE. *Synesis*, v. 9, n. 1, jan/jul. 2017. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis&page=article&op=view&path%5B%5D=1357>
